

TEMPLÁRIO
Luiz de Miranda

O FIAR DOS DIAS

O fiar dos dias é longo e demorado,
O homem carrega sua cruz, alquebrado,
Os sonhos são sinos sonolentos
que varrem nossa alma à luz do vento,
O véu das nuvens burila
as mercês tomadas de ausência.
O pátio de nossa casa
ainda habita o coração baldio
e as folhas esquecidas do outono.
A vida vaza na vida e não tem dono,
só Deus, vôo dourado, dirige
as lâminas luminosas que a aurora exige.

Porque me abandonaste,
se sabias que o horizonte acaba
e um céu de chumbo se desaba?
Quando sonhares,
o topo do mundo resplandece,
 és a fé de mil dias
 e o milagre nunca se adia,

a fera ferida de nossos pobres anos
amanhece.

É desse esplendor
Que sustentamos as ramas
frágeis do destino.

O amor paira no ar
nossa última chama.

A vida de quem ama
é a vida que se quer,
havida nos pulsos de linguagem.

Os pássaros perdidos
voam o nunca mais,
em nossos ossos a bruma
do que amei e perdi,
do que não volta mais
perdi,

como aquele sonho
deixado nos pátios da infância.
Oh, desalmada fragância,
dos velhos cadernos de poemas,
não é mais que um barco
frágil de papel,
a navegar o que já não sei.

O fiar dos dias é o fim dos dias,
pobres esquecidos e tristes,
como jamais vistes.
Nenhum lugar espera por mim,
a lua branca, e rua branca
não me chamam e nem me conhecem.
Vela uma fina luz na Casa de Deus,
é o único amparo para as lições do adeus.

Pelotas, 2 de julho de 2000.
Da obra *Trilogia da Casa de Deus*, 368p.

O TEMPLO É NAU DE TODOS

O templo é nau de todos,
porto aberto dos humildes,
dos que não têm passado
 ou futuro
 e erram no deserto,
dos esquecidos,
 dos amores vividos
 e dos perdidos,
das sandálias gastas
 e cobertas de pó,
dos nós cegos da paixão
 que mudam de nome
mas ainda são
 as promessas da solidão.

Templo há para todos,
 principalmente
 aos que choram
e debruçam suas pobres almas
 nos mantos santos
 onde Deus atende
 a todos os perdidos,
e a rosa esquecida
é a doce flor de nossa vida.

Templo há para
 os extraviados do amor,
que sonham despertos,
 de olhos abertos
e gastam tudo o que tinham,
mas há lugar
 para o que neles adivinha
a palidez quase morta da esperança
que vaza no esquecimento do mar.

A morte chega tarde,
 na Casa de Deus.

O pecado arde certo
 nos calvários da memória,
a mão celeste por perto
 nos acode,
 ampara
e cresce em nossa alma
 a amplidão do futuro.

O templo abre todas
 as janelas do corpo,
e joga no mar
 os domingos velhos
 de nossa infância,
também já velha e gasta.
A vida é vasta,
 quando de joelhos
oro os ouros esquecidos
 e as tristezas mortas.
Oro ao Deus onipotente,
 que pinte de azul
 o céu de nossas almas.

Há mais alma no perdão
e nos milhares de sóis da solidão,
onde guardamos,
 fechada,
uma réstia lumínica de amor,
árvore que nos salva
e se arvora no vento.
O templo é pai do tempo.
Nossa estrada, avança, avança,
por milhares de anos de esperança.

Pelotas, 27 de junho de 2000.
Da obra *Trilogia da Casa de Deus*, 368p.